

A 150

Prof. Dr. K. Gößwald

Studia Entomologica, vol. 3, fasc. 1-4, dezembro 1960

**Insecta Amapaensia. Hymenoptera:
Formicidae (Segunda contribuição)**

Por

Walter W. Kempf, O.F.M.

Editora Vozes Ltda., Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

**Insecta Amapaensia. — Hymenoptera: Formicidae
(Segunda Contribuição)**

Por Walter W. Kempf, O. F. M., São Paulo, Brasil
(Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas)

(Com 12 figuras)

Copioso material de formigas, perfazendo mais de 400 espécimes de 37 gêneros e 94 espécies, colecionado no Amapá nos meses de junho a agosto de 1959 pelo Prof. John Lane, oferece novo ensejo para tratar da mirmecofauna deste território brasileiro. O acervo é ainda acrescido de outro material colecionado em Oiapoque, em maio de 1959, pelo Tte.-Cel. Moacir Alvarenga, e em Serra do Navio, a partir de setembro de 1959, pelo sr. Renato Bicelli. Agradeço aos colecionadores o donativo das formigas interessantes, que foram depositadas na minha coleção particular (WWK).

Com êsse novo material o número de espécies de formigas, verificadas até agora no Amapá, sobe a 141, que se distribuem por 51 gêneros. O presente trabalho registra 43 espécies ainda não mencionadas em artigo anterior (Kempf, 1959). Esta cifra inclui 4 espécies novas para a ciência, cuja diagnose se encontra nas páginas que se seguem. Estabeleço, outrossim, um novo sinônimo para *Neoponera striatinodis*.

Infelizmente, tive que deixar de lado 40 espécies, cuja identificação não pôde ser feita com segurança, quer devido à falta das castas decisivas, quer devido à situação confusa da taxonomia de alguns gêneros. Estas espécies, todavia, foram incluídas no elenco sinóptico das formigas do Amapá, que elaborei a fim de dar uma idéia da composição da fauna mirmecológica do território, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos. Escusa explicar que o quadro não retrata, nem de longe, a riqueza real da fauna amapaense.

Devo ainda acrescentar que, nas descrições, o comprimento total consiste na soma das medidas da cabeça com mandíbulas fechadas, do tórax (medida de Weber), do pecíolo e do gáster.

Composição da fauna mirmecológica do Amapá

Dorylinae

- Cheliomyrmex* (1 espécie)
- Nomamyrmex* (1 espécie)
- Labidus* (3 espécies)
- Eciton* (4 espécies)
- Neivamyrmex* (3 espécies)

Cerapachyiinae

- Acanthostichus* (2 espécies)

Ponerinae

- Paraponera* (1 espécie)
- Acanthoponera* (1 espécie)
- Heteroponera* (1 espécie)
- Ectatomma* (3 espécies)
- Gnamptogenys* (3 espécies)
- Platythyrea* (1 espécie)
- Centromyrmex* (1 espécie)
- Neoponera* (8 espécies)
- Pachycondyla* (1 espécie)
- Termitopone* (1 espécie)
- Trachymesopus* (1 espécie)
- Ponera* (1 espécie)
- Leptogenys* (5 espécies)
- Anochetus* (2 espécies)
- Odontomachus* (4 espécies)

Pseudomyrmecinae

- Pseudomyrmex* (14 espécies)

Myrmicinae

- Pheidole* (8 espécies)
- Crematogaster* (6 espécies)
- Megalomyrmex* (1 espécie)
- Solenopsis* (1 espécie)
- Carebara* (1 espécie)
- Erebomyrma* (1 espécie)
- Leptothorax* (1 espécie)
- Wasmannia* (1 espécie)
- Procryptocerus* (2 espécies)
- Cephalotes* (2 espécies)
- Eucryptocerus* (3 espécies)
- Paracryptocerus* (1 espécie)
- Daceton* (1 espécie)
- Myrmicocrypta* (3 espécies)
- Apterostigma* (1 espécie)
- Sericomyrmex* (1 espécie)
- Cyphomyrmex* (2 espécies)
- Acromyrmex* (1 espécie)
- Atta* (2 espécies)

Dolichoderinae

- Dolichoderus* (2 espécies)
- Monacis* (3 espécies)
- Hypoclinea* (4 espécies)
- Conomyrma* (1 espécie)
- Iridomyrmex* (1 espécie)
- Azteca* (4 espécies)

Formicinae

- Gigantiops* (1 espécie)
- Camponotus* (20 espécies)

Dendromyrmex (3 espécies)
Paratrechina (1 espécie)
Total: 51 gêneros e 141 espécies.

Subfamília **Dorylinae** Leach

Cheliomyrmex morosus (Fr. Smith, 1859)

Um macho avulso de Oiapoque (M. Alvarenga col.). Este achado é deveras surpreendente, visto que até agora se conhecia a espécie somente do México e Honduras Britânica na América Central.

Nomamyrmex hartigi (Westwood, 1842)

Um macho avulso de Oiapoque (M. Alvarenga col.).

Labidus coecus (Latreille, 1802)

Operárias do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). O território desta espécie comum estende-se do sul dos Estados Unidos ao norte da Argentina.

Labidus truncatidens (Santschi, 1920)

Dois machos avulsos, oriundos de Serra do Navio, colecionados por R. Bicelli em setembro de 1959. O tipo é da Guiana Francesa. Borgmeier (1958) registrou a espécie de Manaus, Estado do Amazonas.

Eciton hamatum (Fabricius, 1804)

Uma operária média avulsa do rio Amapari, km 185 (J. Lane col.).

Eciton setigaster Borgmeier, 1953

Um macho isolado, colecionado por R. Bicelli em setembro de 1959, em Serra do Navio. Como já disse Borgmeier (1953, 1955), trata-se, com muita probabilidade, do macho de *drepanophorum* que ainda não foi capturado junto com as respectivas operárias.

O presente exemplar difere dos outros, colecionados até agora (provenientes do Estado do Amazonas, da Bolívia e do Peru), nos seguintes detalhes: Gáster castanho-amarelado escuro. Áreas pilosas com cerdas erguidas nos tergitos II-IV do gáster mais extensas, abrangendo mais que a metade posterior da parte central de cada tergito. Quanto aos demais caracteres há concordância perfeita, de modo que a identificação específica não padece dúvidas.

Neivamyrmex halidayi (Shuckard, 1840)

Um macho avulso de Oiapoque (M. Alvarenga col.). O território ocupado por esta espécie é vastíssimo, estendendo-se do norte da Argentina até o México.

Neivamyrmex walkeri (Westwood, 1842)

Um macho avulso, do rio Felício, colecionado por J. Lane, aos 26 de julho de 1959. A espécie não é rara e ocorre amplamente das Guianas até o norte da Argentina.

Subfamília **Ponerinae** Lepeletier**Gnamptogenys lanei**, n. sp.

(Figs. 1-3)

Operária (holótipo). — Comprimento total 6,0 mm; comprimento da cabeça com mandíbulas fechadas 1,81 mm; comprimento da cápsula cefálica 1,12 mm; largura da cabeça sem os olhos compostos 1,08 mm; máximo diâmetro dos olhos 0,22 mm; comprimento do escapo 1,23 mm; comprimento do tórax (medida de Weber) 1,92 mm; índice cefálico 97. Cór do corpo picea; mandíbulas, antenas e patas ferrugíneo-escuras.

Mandíbulas (Fig. 1) triangulares, compridas e um tanto estreitas; vistas de perfil, mais curtas que a cabeça; borda apical indistintamente denticulada. Cápsula cefálica tão comprida que larga sem os olhos; os lados paralelos; os ângulos occipitais arredondados; a borda occipital reta. Olhos compostos relativamente pequenos, porém, salientes e notavelmente convexos. Carenas frontais sinuosas, estranguladas atrás da inserção antenal. Escapo delgado, leve e gradualmente engrossado para o ápice; mais comprido que a cápsula cefálica.

Tórax abaulado. Ombros arredondados, não marcados. Promesonoto, de perfil, pouco convexo, exceto na margem anterior onde se curva fortemente para baixo. Sutura promesonotal vestigial, marcada por leve impressão nas estrias. Sutura meso-epinotal distinta e bem impressa. Espinhos epinotais obliquamente levantados, pontiagudos, seu comprimento igual à grossura máxima do escapo. Coxas traseiras com espinho dorsal delgado e um tanto curvado, um pouco mais comprido que os espinhos epinotais. Pecíolo (Figs. 2-3) nitidamente mais comprido que largo e alto; apêndice ântero-ventral em forma de dente comprimido, de ponta arredondada.

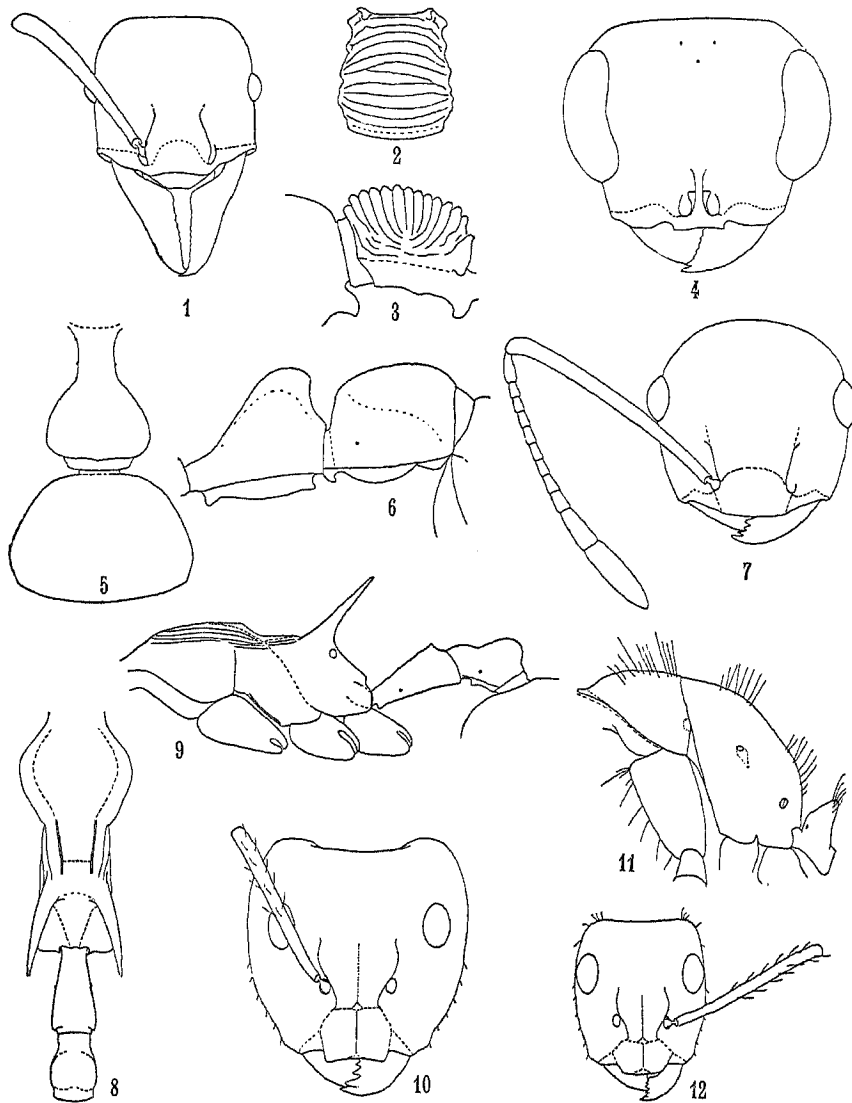


Fig. 1(-3). *Gnamplogenys lanei* n. sp., operária, holótipo, cabeça, vista dorsal. — Fig. 2. Pecíolo, visto de cima. — Fig. 3. Pecíolo, visto de perfil. — Fig. 4(-6). *Pseudomyrmex semotus* n. sp., holótipo, cabeça. — Fig. 5. Pecíolo, visto de cima. — Fig. 6. Pecíolo, visto de perfil. — Fig. 7(-9). *Crematogaster (Orthocrema) amapaensis* n. sp., operária, holótipo, cabeça. — Fig. 8. Tórax, vista dorsal. — Fig. 9. Tórax, vista lateral. — Fig. 10(-12). *Camponotus (Myrmothrix) lenkoi* n. sp., soldado, holótipo, cabeça. — Fig. 11. Tórax de perfil. — Fig. 12. Operária, parátipo, cabeça. (Kempf del.)

Face dorsal do escapo, os fêmures e tíbias completamente lisos e brilhantes. Tarsos finamente reticulado-pontilhados. Coxas cobertas de finas e densas estrias transversais. Face dorsal das mandíbulas com cerca de 5 estrias longitudinais. Cabeça,

tórax, pecíolo e gáster cobertas de grossas e regulares estrias longitudinais. Estrias um pouco divergentes para os lados posteriormente na face superior da cabeça, com cêrca de 22 estrias entre os olhos compostos; fortemente convergindo anteriormente, em parte fundindo-se com as do lado oposto na face gular da cabeça. Estrias do tórax ainda mais grossas, com cêrca de 16 na face dorsal do promesonoto que carece de estrias transversais na borda anterior; 6 estrias entre os espinhos epinotais que descem pela face declive. Mesopleura com cêrca de 12 estrias horizontais. Pecíolo, visto de cima, com 13 estrias transversais. Tergitos I e II do gáster com estrias um pouco mais finas que em *menozzii* e *schubarti*, havendo cêrca de 30 na margem posterior do primeiro tergito ("pós-pecíolo"). Esternito do primeiro segmento gástrico com estrias formando arcos transversais, i. é, as estrias convergem anteriormente e se fundem com as do lado oposto.

Corpo com pilosidade fina e ereta esparsa; escapos e patas com pêlos um pouco mais densos e oblíquos.

Tipo. — Uma operária (holótipo) do rio Amapari, km 180, Território do Amapá, Brasil, colecionada em 8 de julho de 1959 pelo Prof. John Lane, a quem a espécie é dedicada. Depositada na minha coleção (WWK).

Discussão. — Pelas mandíbulas triangulares e estriadas, *G. lanei* faz parte do grupo de *rastrata* Mayr (outrora o subgênero *Parectatomma*). Devido às estrias mais grossas do corpo é próxima de *menozzii* Borgmeier e *schubarti* Borgmeier. Contudo difere destas duas espécies no tamanho menor, na forma da cabeça, no comprimento do escapo, na forma e escultura do pecíolo e na escultura do primeiro esternito do gáster. A forma e escultura do pecíolo avizinha a presente espécie a *mecotyle* Brown. Esta, porém, sob outros aspectos, difere consideravelmente, p. ex. na cor castanho-avermelhada, na escultura mais irregular e sobretudo na faixa de estrias transversais próxima à margem anterior do pronoto, na face superior estriada do escapo e na face declive do epinoto lisa e brilhante. As estrias menos numerosas e mais grossas, além da forma e escultura do pecíolo, separam facilmente *lanei* de *aculeaticoxa* Santschi e *triangularis* Mayr.

***Gnamptogenys annulata* (Mayr, 1887)**

Uma operária isolada de Serra do Navio (R. Bicelli col.).

***Gnamptogenys pleurodon* (Emery, 1896)**

Três operárias avulsas, uma do rio Amapari, km 185, duas do rio Felício (J. Lane col.). A espécie faz parte do grupo de "*Holcponera*" (pôsto em sinonímia de *Gnamptogenys* por Brown, 1958) e acha-se amplamente distribuída na bacia amazônica.

Neoponera foetida (Olivier, 1791)

Três operárias de Serra do Navio (K. Lenko col.), erroneamente identificadas como *striatinodis* em meu trabalho anterior (Kempf, 1959), de fato pertencem à presente espécie. Este registro é deveras interessante porque, segundo o que me consta, é esta a primeira vez que se assinala *N. foetida* no Brasil, conhecida até agora somente das Guianas e da América Central.

Neoponera striatinodis (Emery, 1890)

Pachycondyla striatinodis Emery, 1890, Ann. Soc. Ent. France (6) 10: 74-75 (operária, Costa Rica: Alajuela, Jiménez).
Neoponera (Neoponera) bakeri Mann, 1916, Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard 60: 411-412, Pl. 1, fig. 9 (operária, Brasil, Rondônia: Pôrto Velho e Madeira-Mamoré RR. km 284 e 306). — Nov. Syn.

Uma operária avulsa do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.).

Compulsando a literatura para identificar este exemplar, verifiquei que *N. bakeri* Mann não passa de sinônimo de *striatinodis* Emery. Manifestei minhas suspeitas ao Dr. Brown, do Museum of Comparative Zoology at Harvard College. Comunicou-me que ele mesmo chegara a conclusão idêntica quando, há algum tempo, examinou os tipos de *bakeri*. Estes, com efeito, têm as mandíbulas finamente estriadas, se bem que na diagnose original sejam descritas como lisas e sublúcidas. Sendo assim esclarecido o único ponto de aparente divergência, a sinonímia já não padece dúvidas.

Agradeço ao colega Brown a licença de publicar esses dados que gentilmente me ofereceu. No Museu de Harvard existem exemplares da mesma espécie, oriundos do Panamá, do Peru e da Guiana Inglesa.

Ponera opaciceps Mayr, 1887

Duas fêmeas aladas do rio Amapari (J. Lane col.). A espécie não é rara e ocorre do Texas ao Uruguai.

Anochetus bispinosus (Fr. Smith, 1858)

Uma operária do rio Felício (J. Lane col.). Outras localidades desta espécie pouco colecionada, consignadas na literatura, são as seguintes: Brasil, Amazonas: Tefé (tipo); Rondônia: Pôrto Velho (Mann, 1916); Bolívia: Salinas, rio Beni (Emery, 1894).

Odontomachus hastatus (Fabricius, 1804)

Desta espécie notável tenho uma operária avulsa do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.).

Subfamília *Pseudomyrmecinae* M. R. Smith*Pseudomyrmex godmani* (Forel, 1899)

Uma operária do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). A espécie, que só se conhecia do Panamá e do Rio de Janeiro, é uma das mais características deste gênero difícil. O presente exemplar tem as antenas e patas bastante escurecidas, quase pretas, apresentando somente no pós-pecíolo e nas mandíbulas a cor castanha. Índice cefálico 121; índice óculo-cefálico 56.

Pseudomyrmex semotus, n. sp.

(Figs. 4-6)

Operária (holótipo). — Comprimento total 6,8 mm; comprimento da cápsula cefálica 1,45 mm; largura da cápsula cefálica, incluindo os olhos compostos 1,77 mm; comprimento do tórax (medida de Weber) 2,03 mm. Índices: cefálico 122, óculo-cefálico 65, torácico 50, céfalo-torácico 72. Prêta; mandíbulas, ápice das antenas, tarsos fusco-castanhos.

Mandíbulas subopacas com finíssimas e densas estrias longitudinais e esparsos e grossos pontos pilíferos. Cabeça (Fig. 4) transversal. Lobo central do clipeo pouco saliente, com borda anterior reta, gentilmente convexo em sentido transversal sem apresentar uma quilha mediana longitudinal desenvolvida. Olhos muito grandes, em posição posterior, muito salientes, seu diâmetro máximo pouco menor que a distância interocular mínima (26:29), cobertos de pêlos esparsos, cujo comprimento iguala a metade da grossura mínima do escapo.

Pronoto e mesonoto transversais, o último um pouco menos que duas vezes mais largo que comprido (22:12). Face dorsal do tórax muito plana, conspicuamente marginada nos lados. Ombros arredondados. Sutura meso-epinotal estreita, impressa.

Pecíolo brevemente pedunculado (Figs. 5-6) com nó alto, fortemente dilatado nos lados; visto de perfil, subtriangular com o ápice largamente arredondado e o lado posterior subreto e vestigialmente escavado. Dente ântero-ventral presente. Pós-pecíolo transversal, grosso, sua largura máxima atrás da metade, distintamente menor que o dobro do comprimento máximo (22:16). Face anterior subtruncada.

Subopaca, finamente reticulado-pontilhada. Dorso da cabeça e do tórax, incluindo a face declive do epinoto, mais àspe-

ramente e densamente pontilhado e opacos, sem as rugas ou estrias longitudinais de *godmani*. Lados do tórax igualmente sem rugas e estrias.

Pilosidade erguida preta no corpo e nos membros, escassa nos escapos, ausente nos lados do tórax e no pedúnculo peciolar. Pubescência amarelo-acinzentada conspícua e relativamente densa, porém, menos desenvolvida que em *godmani*, faltando por completo nos lados do tórax e do peciolo.

Tipo. — Uma operária (holótipo) do braço-sul do rio Anicoí, Amapá, Brasil, colecionada por J. Lane e R. Bicelli em 24 de junho de 1959 (WWK).

P. semotus faz parte do grupo de *gracilis*, parcialmente revisto por mim em época recente (Kempf, 1958). Entre todas as espécies desse grupo encontra apenas em *godmani* um vizinho mais próximo. Todavia, difere nitidamente de *godmani* nos seguintes caracteres: 1) Clípeo menos saliente, não tectiforme, sem quilha longitudinal mediana pronunciada. 2) Olhos muito maiores (cf. índice óculo-cefálico e distância interocular). 3) Ausência de estrias e rugas no dorso e nos lados do tórax e no topo do peciolo. 4) Configuração dos segmentos pedicelares, sendo o nó do peciolo mais alto, sem apresentar a forma de escama grossa e inclinada, o pós-pecíolo mais grosso e menos largo.

Pseudomyrmex pupa (Forel, 1911)

Uma operária de Serra do Navio (R. Bicelli col.). Trata-se de forma ainda pouco conhecida da Amazônia. O presente exemplar é distintamente menor que o tipo, mas concorda em todos os caracteres essenciais mencionados para o tipo e o espécime descrito no meu trabalho anterior (Kempf, 1958).

Pseudomyrmex termitarius (Fr. Smith, 1855)

16 operárias e 2 fêmeas de Oiapoque (M. Alvarenga col.). Esta é uma das pouquíssimas espécies do gênero que habitualmente tem seus ninhos no solo ou em cupins terrestres (*tacurus*). Todas as outras espécies são arborícolas.

Pseudomyrmex filiformis (Fabricius, 1804)

Uma operária do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.).

Subfamília *Myrmicinae* Lepeletier

Pheidole fallax Mayr, 1870

Soldados e operárias de Serra do Navio (R. Bicelli col.). Fazem parte da subespécie *jelskii* Mayr (1884) que ocorre nas Guianas e na Ilha de Trinidad.

***Pheidole radoszkowskii* Mayr, 1884**

Três soldados e uma operária do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). Pelo pequeno tamanho, êstes espécimes se parecem mais com a forma típica da espécie variável, proveniente de Cayenne, Guiana Francesa.

***Creinatogaster (Orthocrema) amapaensis*, n. sp.**

(Figs. 7-9)

Operária (holótipo). — Comprimento total 2,7 mm; comprimento da cápsula cefálica 0,67 mm; máxima largura da cabeça incluindo os olhos compostos 0,71 mm, sem os olhos 0,65 mm; comprimento do escapo 0,78 mm; máximo diâmetro dos olhos 0,16 mm; comprimento do tórax (medida de Weber) 0,81 mm; comprimento dos espinhos epinotais (a partir duma perpendicular traçada através da borda posterior do espiráculo epinotal até o ápice do espinho) 0,28 mm. Côr castanha mais ou menos escurecida; face basal do epinoto e gáster, exceto o primeiro tergito castanho, negros; tarsos castanho-testáceos.

Cabeça (Fig. 7) subcircular. Mandíbulas lisas, quadridentadas. Clípeo sublúcido, vestigialmente pontilhado-reticulado com leves e espaçadas cóstulas longitudinais. Área frontal ausente. Sulco frontal vestigial, indicado por traço liso e estreito. Carenas frontais curtas, levemente divergindo para trás. Dorso da cabeça subopaco, fina e densamente pontilhado-reticulado com rúgulas predominantemente longitudinais, estas mais grossas e mais distintas nas bochechas. Face gular lisa e brilhante. Olhos situados um pouco atrás da metade da cabeça. Escapos mais longos que a cápsula cefálica, delgados, com algumas rugas longitudinais. Todos os segmentos do funículo bem mais compridos que largos; clava apical de dois segmentos.

Tórax (Figs. 8-9) com espaçadas cóstulas longitudinais no dorso (incluindo a face basal do epinoto), os intervalos mais ou menos lisos e brilhantes, às vezes vestigialmente reticulado-pontilhados, principalmente na frente. Laterotergito do pronoto e face declive do epinoto lisos e brilhantes. Mesopleura reticulado-rugosa, restante do tórax fina e horizontalmente estriada. Mesonoto ladeado por quilhas levantadas, subparalelas, agudas que, vistas de perfil apresentam um ângulo obtuso na metade, continuando atrás nos lados da face basal do epinoto. Sutura meso-epinotal impressa, porém não interrompendo

as cóstulas longitudinais nem as quilhas no lado. Espinhos epinotais retos, lisos, compridos, pontiagudos, obliquamente levantados, mas pouco divergentes. Patas sem escultura distinta, praticamente lisas e brilhantes.

Peciolo liso e brilhante; visto de cima duas vezes mais comprido que largo, trapeziforme, com os lados divergindo para trás, com um tubérculo dentiforme em cada canto posterior; com a face superior plana; visto de perfil gradualmente engrossando para trás. Pós-peciolo da mesma largura que o peciolo; o nó globoso, muito convexo, com rúgulas longitudinais mais ou menos distintas. Primeiro tergito do gáster subopaco, com escultura aciculada igual à do dorso da cabeça, mas com as rúgulas minúsculas dispostas antes radialmente em torno da inserção do pós-peciolo que longitudinais. Os demais segmentos do gáster lisos e brilhantes.

Pilosidade de côr clara, flexível, abundante. Escapos e patas com pêlos longos e oblíquos. Dorso da cabeça e do tórax com pêlos longos levantados, de tamanho desigual, às vezes um tanto curvos. No occipício um par, no promesonoto dois pares de cerdas bem mais compridas, o par anterior do pronoto tão comprido como os espinhos epinotais. Pedicelo e gáster com pêlos inclinados, curvos e longos.

Tipo. — Uma operária (holótipo) do rio Felício, Território do Amapá, Brasil, colecionada pelo Prof. J. Lane, em 25 de julho de 1959 (WWK).

Discussão. — Pelo peciolo comprido e porte delgado, a presente espécie faz parte do grupo de *limata*. É próxima de *nigropilosa* Mayr e principalmente de *longispina* Emery, diferindo, porém, conspicuamente na escultura do dorso da cabeça, do tórax e do primeiro tergito do gáster e nos espinhos epinotais enormes, retos, mui levantados e pouco divergentes. A forma que mais se lhe parece, segundo as descrições, é *longispina egregior* Forel, do Pará (provavelmente antes uma espécie independente que raça de *longispina*). Mas esta é de tamanho consideravelmente maior (3,5-4,5 mm!), tem toda a frente lisa e brilhante e os espinhos epinotais divergentes.

***Leptothorax (Nesomyrmex) pleuriticus* Wheeler, 1921**

Uma fêmea avulsa de Cachoeira Tatu, rio Amapari (J. Lane e R. Bicelli col.). É a primeira vez que se registra em território brasileiro esta espécie, conhecida até agora somente dos tipos, procedentes da Guiana Inglesa.

Procryptocerus goeldii guianensis Weber, 1938

Procryptocerus goeldii guianensis Weber, 1938, Ann. Ent. Soc. Amer. 31: 208. — Kempf, 1951, Rev. Ent. 22: 51-52.

Esta forma, baseada numa rainha avulsa, foi descrita como raça de *goeldii*. Por gentileza do seu autor, o Dr. N. A. Weber, tive o ensejo de examinar, há pouco, o holótipo, oriundo da Guiana Inglesa. Com efeito, trata-se de exemplar mui parecido com *goeldii* típico do sul do Brasil. Difere, porém, nos seguintes caracteres: 1) Cabeça de forma mais circular, como indicada na descrição original. 2) Face truncada do occipício com estrias em disposição radial. 3) Pós-pecíolo com as rugas longitudinais mais distintas e os fovéolos escassos, presentes somente nos lados. 4) As estrias e filas longitudinais do primeiro tergito do gáster desaparecem antes de atingir a metade posterior que é apenas levemente reticulada e bastante brilhante. 5) Todo o integumento mais brilhante que em *goeldii* típico. O espécime tem as medidas que seguem: Comprimento total 5,6 mm; comprimento máximo da cápsula cefálica 1,16 mm; comprimento do tórax 1,59 mm.

Refiro à mesma forma uma operária isolada do rio Amapari, km 180 (J. Lane col.), que possui os mesmos caracteres de escultura, especialmente do gáster e do pós-pecíolo.

Infelizmente, o escassíssimo material disponível não permite decidir se se trata de mera variante de *goeldii* ou de espécie independente.

Procryptocerus paleatus Emery, 1896

Uma operária do rio Amapari, km 185 (J. Lane col.). O presente registro constitui uma extensão notável do território da espécie, conhecida até agora somente do México e de Costa Rica. O espécime brasileiro carece de cerdas inclinadas no dorso da cabeça, onde também as rugas são menos distintas, os fovéolos mais nítidos e o integumento mais opaco. As rugas do primeiro tergito do gáster são pouco desenvolvidas. Um exemplar recebido da ilha de Trinidad (N. A. Weber col.), tem os mesmos característicos do espécime do Amapá. Entretanto quer me parecer que estas divergências dos exemplares da América do Sul são secundárias, representando, talvez, variações geográficas.

Eucryptocerus placidus (Fr. Smith, 1860)

Uma operária do rio Amapari, km 185 (J. Lane col.). A espécie é conhecida do Peru, do norte da Bolívia, das Guianas

Francesa e Inglesa e, no Brasil, dos Estados do Amazonas e do Mato Grosso.

Eucryptocerus abdominalis (Santschi, 1929)

Duas operárias do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). Desta formiga conhecem-se poucos exemplares. O tipo é da Guiana Francesa. Vi espécimes do Pará e da Bolívia (Kempf, 1951).

Paracryptocerus cordatus (Fr. Smith, 1854)

Um soldado do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). A espécie ocorre no vale do Amazonas. Há pouco, recebi uma operária de São Luís, Maranhão.

Acromyrmex coronatus (Fabricius, 1804)

Uma operária média do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). Esta é a "quem-quem de árvore", típico habitante das florestas. Ocorre quase em todos os Estados do Brasil, com exceção talvez do Rio Grande do Sul.

Subfamília **Dolichoderinae** Forel

Dolichoderus decollatus Fr. Smith, 1858

Duas operárias avulsas de Serra do Navio (R. Bicelli col.). Espécie da Amazônia que também ocorre no litoral-norte do Brasil, até o sul do Estado da Baía.

Monacis septemspinosa (Emery, 1894)

Uma operária do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). No Brasil, o território desta formiga coincide com o da espécie precedente.

Hypoclinea bidens ferruginea (Forel, 1903)

Bom número de operárias de Serra do Navio, do braço-sul do rio Anicoí e do rio Felício (J. Lane e R. Bicelli col.). Trata-se, provavelmente, de espécie distinta de *bidens* com a qual ocorre simultaneamente, lado a lado, no mesmo território. Como o gênero necessita de urgente revisão, não pretendo modificar aqui o estado sistemático desta forma.

Hypoclinea analis (Emery, 1894)

Uma operária do rio Felício (J. Lane col.). Espécie comum da Amazônia, muito próxima de *gibbosa* Fr. Smith.

Subfamília **Formicinae** Lepeletier**Camponotus (Myrmothrix) lenkoi**, n. sp.

(Figs. 10-12)

Operária maior (holótipo). — Comprimento total 9,4 mm; comprimento máximo da cápsula cefálica 2,97 mm; largura da cabeça 2,79 mm; comprimento do escapo 2,24 mm; comprimento do tórax (medida de Weber) 3,33 mm. Índice cefálico 94. Cabeça com mandíbulas e escapos, e gáster pretos; tórax, patas e peciolo castanho-amarelados. Todo o inseto é muito brilhante com a esculptura fraca e superficial. Dorso da cabeça fina e superficialmente reticulado-pontilhado. Tórax e peciolo com esculptura reticulada ainda mais leve e superficial. Gáster com finíssimas estrias transversais e superficiais. Forma da cabeça e do tórax como nas Figs. 10 e 11.

É próxima de *abdominalis*, tendo o escapo deprimido e achatado na metade basal, esculptura e configuração geral idêntica. Difere, porém, nitidamente, nos seguintes caracteres: 1) Tamanho geral significativamente menor (cf. as medidas). 2) Pilosidade erguida mais reduzida e escassa, sobretudo nas bochechas onde são pouquíssimas, oblíquas e curtas as cerdas, no dorso do tórax e nos lados do gáster onde faltam quase completamente. 3) Pubescência do gáster curtíssima e diminuta e esparsa. 4) Espiráculo epinotal do tórax mais ovalado e menos estreito.

Operária menor (parátipos). — Comprimento total 7,5-8,0 mm; comprimento máximo da cápsula cefálica 1,88-2,17 mm; largura da cabeça 1,55-1,92 mm; comprimento do tórax (medida de Weber) 2,86-2,94 mm. Índice cefálico 81-88. Idêntica à operária maior, com os mesmos característicos diferenciais. Todavia, a cabeça é menos volumosa e mais comprida (Fig. 12), os escapos mais compridos, não deprimidos na metade basal. Clípeo, ápice do escapo e gáster, às vezes, de cor marron-escuro.

Tipos. — Uma operária maior (holótipo) e 5 operárias menores (parátipos) do rio Amapari, km 185, Território do Amapá, Brasil, colecionadas por J. Lane, aos 9 de julho de 1959 (WWK).

Observação. — *Camponotus abdominalis*, segundo a classificação atual, é um aglomerado bastante heterogêneo de bom número de formas infra-específicas, parte das quais talvez não passe de sinônimos, enquanto outras, provavelmente, mereçam categoria de espécie independente. De entre todas estas formas, somente a subespécie *romani*

Wheeler (1923) exhibe afinidade mais pronunciada a *lenkoi*, sendo igualmente relativamente pequena, mas de coloração diferente, não visivelmente contrastada. Embora seja extremamente arriscado propor uma nova espécie neste grupo intrincado e difícil, acho a presente espécie bem caracterizada para merecer descrição.

A espécie é dedicada ao colega Dr. Karol Lenko, primeiro explorador das formigas do Amapá.

Camponotus (Myrmosphincta) sexguttatus (Fabricius, 1793)

Uma operária menor do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). Esta espécie é muito variável e ocorre amplamente na América Central e do Sul.

Camponotus (Myrmosphincta) urichi Forel, 1900

Uma operária maior do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). Apesar do pequeno tamanho e da quilha aparente no clipeo, parece concordar bem com a descrição original do tipo que proveio da ilha de Trinidad.

Camponotus (Myrmaphaenus) leydigi Forel, 1886

15 operárias menores de Oiapoque (M. Alvarenga col.). É uma espécie muito distinta e de fácil reconhecimento. Ocorre amplamente no Brasil. Na minha coleção tenho exemplares dos seguintes Estados: Pará, Rio Branco, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo.

Camponotus (Myrmaphaenus) blandus Fr. Smith, 1858

Uma operária maior e duas dezenas de operárias menores de Oiapoque (M. Alvarenga col.).

Camponotus (Myrmeurynota) eurynotus Forel, 1907

Três operárias menores avulsas, uma do rio Felício, duas do rio Amapari, km 79 e 170 (J. Lane col.).

Dendromyrmex chartifex (Fr. Smith, 1860)

Seis operárias do rio Amapari, km 79 e Cachoeira Tatu (J. Lane e R. Bicelli col.). A distinção tradicional das espécies do presente gênero baseia-se, sobretudo, em caracteres de coloração, escultura e pilosidade, e parece pouco satisfatória. Por isso faço as identificações desta e das seguintes duas espécies com a máxima reserva.

Dendromyrmex fabricii (Roger, 1862)

Três operárias do rio Amapari, km 79 e do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.).

Dendromyrmex nidulans (Fr. Smith, 1860)

Três operárias do braço-sul do rio Anicoí (J. Lane e R. Bicelli col.). Estes exemplares, embora completamente ferrugíneos, aparentemente pertencem à presente espécie, devido à escassa pilosidade apressa no gáster esculpido e fôscos.

Referências

- Borgmeier, T., 1953, Vorarbeiten zu einer Revision der neotropischen Wanderameisen. — *Studia Entomologica*, Nr. 2, 51 pp., 35 figs.
— 1955, Die Wanderameisen der neotropischen Region. — *Studia Entomologica*, Nr. 3, 717 pp., 87 pr.
— 1958, Nachtraege zu meiner Monographie der neotropischen Wanderameisen. — *Stud. Ent.* 1: 197-208, 8 figs., 2 pr.
Brown, W. L., Jr., 1958, Contributions toward a reclassification of the Formicidae II. Tribe Ectatommini. — *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard*, 118 (5): 175-362, 48 figs.
Emery, C., 1890, Studi sulle formiche della fauna neotropica I-V. — *Bull. Soc. Ent. Ital.*, 22: 38-80, pr. 5-9.
— 1894, Studi sulle formiche della fauna neotropica VI-XVI. — *Bull. Soc. Ent. Ital.*, 26: 137-242, pr. 1-4.
Kempf, W. W., 1951, A taxonomic study on the ant tribe Cephalotini. — *Rev. de Ent.*, 22: 1-244, 16 pr.
— 1958, Estudos sobre *Pseudomyrmex* II. — *Stud. Ent.* 1: 433-462, 33 figs.
— 1959, Insecta Amapaensia. Hymenoptera: Formicidae. — *Stud. Ent.* 2: 209-218.
Mann, W. M., 1916, The ants of Brazil. — *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard*, 60: 399-490, 7 pr.
Weber, N. A., 1938, New ants from stomachs of *Bufo marinus* L. and *Typhlops reticulatus* (L.). — *Ann. Ent. Soc. Amer.* 31: 207-210.
Wheeler, W. M., 1923, Formiciden, in: *Wissenschaftliche Ergebnisse der schwedischen entomologischen Reise des Herrn Dr. A. Roman im Amazonas 1914-1915.* — *Ark. f. Zool.* 15, n. 7, pp. 1-6.